

# Caminho Niemeyer

## Por onde seguir?

Preparado pela Professora Valéria Maria de Souza Lima, da ESPM-RJ<sup>1</sup>.

Recomendado para a disciplina de Negócios do Turismo, podendo ser também aplicado para tratar dos temas de Gestão, Entretenimento, Produção Cultural, Negociação e Empreendedorismo, e outros relacionados.

Competências desenvolvidas: negociação, visão sistêmica, empreendedorismo.

### RESUMO

O caso refere-se à trajetória do Caminho Niemeyer, conjunto de obras do famoso arquiteto, forjado como empreendimento turístico-cultural e de lazer, e com vistas a promover a revitalização do centro urbano da cidade de Niterói, RJ. O espaço está sob a gestão de um grupo executivo que dialoga com outros parceiros: a Niterói Empresa de Lazer e Turismo (NELTUR), a Fundação Municipal de Educação de Niterói e a Fundação de Arte de Niterói (FAN). A pesquisa foi elaborada a partir de entrevistas em profundidade com quatro gestores envolvidos com o Caminho, apresentando posicionamentos ora diferenciados, ora convergentes. Propõe a reflexão sobre a complexidade da gestão do espaço e a busca de soluções para dilemas relacionados ao desenvolvimento do turismo local e outros afins.

### PALAVRAS-CHAVE

Gestão. Turismo. Entretenimento. Cultura. Economia Criativa.

Agosto/2014.

---

<sup>1</sup> Este caso foi escrito inteiramente a partir de informações cedidas pelos gestores do empreendimento. Não é intenção da autora avaliar ou julgar o posicionamento dos participantes e gestores em questão. Este texto é destinado exclusivamente ao estudo e à discussão acadêmica, sendo vedada a sua utilização ou reprodução em qualquer outra forma. A violação aos direitos autorais sujeitará o infrator às penalidades da Lei. Direitos Reservados ESPM.

## Caminho Niemeyer: por onde seguir?

“Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo, o universo curvo de Einstein.”

Oscar Niemeyer

[https://docs.google.com/file/d/0B7Lkc1jgpb\\_0ZTROUzN2SWF6a3M/edit](https://docs.google.com/file/d/0B7Lkc1jgpb_0ZTROUzN2SWF6a3M/edit)

Esta é a história do Caminho Niemeyer, conjunto de obras do famoso arquiteto Oscar Niemeyer. Está localizado em Niterói, Estado do Rio de Janeiro, e foi construído com o objetivo de revitalizar o centro urbano e de colocar a cidade no mapa do mundo.

Participam desta narrativa o protagonista Marcos Gomes, presidente do Grupo Executivo do Caminho; Daniel Damasceno, vice-presidente do Grupo; Rubens Branquinho, diretor da Niterói Empresa de Lazer e Turismo (NELTUR); e Carla Tavares, diretora do Teatro Popular Oscar Niemeyer. Todos estão, de algum modo, envolvidos com o presente (e o futuro) do Caminho, e com os seus dilemas.

### O INÍCIO

Antes dos grandes projetos, nascem as grandes ideias. Mas, às vezes, a criatividade recebe um toque especial chamado oportunidade e tudo começa a se realizar, quase que magicamente, seguindo um caminho antes não concebido por nossa vã imaginação.

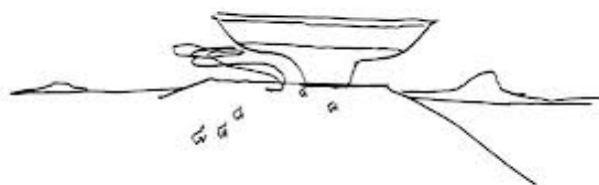
Foi assim que tudo começou, quando em uma tarde comum de 1991 a designer Anna Maria Niemeyer procurou o apoio de Niterói para abrigar o acervo de João Sattamini. O espírito empreendedor que circundava a cidade pelas mãos do então prefeito Jorge Roberto Silveira não hesitou em aceitar a generosa oferta: a coleção particular, de grande importância histórica para a arte contemporânea brasileira, seria acolhida por museu projetado pelo famoso arquiteto Oscar Niemeyer, pai de Anna Maria. Um presente para a cidade!

Como em toda criação do artista, o MAC foi forjado por Niemeyer de modo a integrar-se à paisagem da cidade e a estimular os sentidos das pessoas na observação dos contornos e do entorno da obra. Em 1996 estava pronto e aparecia em todos os documentos oficiais de Niterói, símbolo da cidade futurista e ao mesmo tempo acolhedora, boa para a população e para os visitantes que esperavam receber cada vez mais (<http://www.macniteroi.com.br>).

Além de tudo, a ressignificação do lugar através de um novo símbolo oficial – o MAC – criava a perspectiva de atração de novos investimentos econômicos, em especial de empreendimentos turísticos e culturais.

À prática do city marketing, a partir da construção de uma marca de identidade para Niterói associada a uma imagem, somava-se o valor da qualidade de vida dado pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que colocava o município em 4º lugar no ranking do País, gerando a expectativa de atração também de investimentos imobiliários e comerciais.

Figura 1: Museu de Arte Contemporânea (MAC)



Fonte: <http://robertacarrilho-div.blogspot.com.br/2012/12/vida-e-morte-de-oscar-niemeyer-104-anos.html>

## A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO

Entusiasmada pela imponência e pelos efeitos do MAC, a administração de Niterói resolveu ampliar o projeto e encomendar ao arquiteto Oscar Niemeyer, amigo da cidade, outras obras. A ideia era compor algo que pudesse ser visto como um caminho, o Caminho Niemeyer. Além de tudo, uma obra desse porte deveria servir à integração de Niterói ao Rio de Janeiro, reavivando áreas decadentes do centro urbano.

Esse era um problema que perdurava desde a união dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, quando Niterói deixou de ser capital e passou a viver, de certo modo, à sombra de um dos maiores portões da cultura e do turismo do Brasil, a “Cidade Maravilhosa”.

O gênio criador de Oscar Niemeyer entusiasmou-se com a possibilidade do Caminho e imaginou que o mesmo pudesse ser percorrido a pé, em um movimento de total integração à cidade e à orla. Assim, em 1997, nascia oficialmente o Caminho Niemeyer, declarado por lei como Área de Especial Interesse Urbanístico (<http://www.ceaam.net/ntr/legislacao/leis/2000/L1779.htm>; [http://www.cron.org.br/arquivos/legislacao/lei%20\\_2411.pdf](http://www.cron.org.br/arquivos/legislacao/lei%20_2411.pdf)).

A encomenda inicial era de um conjunto de obras que se somariam ao consolidado MAC e incluíam a Praça Juscelino Kubitschek, o Centro Petrobras de Cinema, o Teatro Popular, a Sede da Fundação Oscar Niemeyer, o Memorial Roberto Silveira, a Igreja Batista, a nova Catedral Metropolitana, a Capela Flutuante e um estacionamento de integração com a estação das barcas e o terminal rodoviário. Mas entre a rápida concepção do projeto por Niemeyer e a execução das obras, mais de uma dúzia de anos transcorreu lentamente.

Figuras 2 e 3: O Caminho Niemeyer em sua concepção original



Fonte: <http://www.niemeyer.org.br/obra/pro478>



Fonte: [http://pit935.blogspot.com.br/2014/04/clipe-com-noticias-e-informacoes-do-dia\\_5.html](http://pit935.blogspot.com.br/2014/04/clipe-com-noticias-e-informacoes-do-dia_5.html)

O Caminho começou a ser efetivamente construído em 2002 e, depois de uma década da construção do MAC, estavam prontos a Praça Juscelino Kubitschek (2003), o Memorial Roberto Silveira (2003) e o Teatro Popular (2007), deixando de compor o projeto a Igreja Batista e a capela flutuante. Na verdade, o projeto sofreu várias intervenções ao longo do tempo, seja em função da própria localização, ou em relação aos equipamentos a serem construídos, e mesmo no que se refere à arquitetura das obras. Por exemplo, em algum momento, contemplou-se a construção de uma torre panorâmica que serviria de mirante para a Baía de Guanabara, mas o projeto que estava no elenco do Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo – PRO-DETUR RJ saiu de questão.

A Torre Niemeyer do Caminho, um mirante, perdeu espaço para um provável centro gastronômico. Outro projeto antes previsto e que não aconteceu foi a construção de um centro de convenções. Ambos chegaram a ter a assinatura do mestre, mas por razões que a razão desconhece, não foram adiante.

Figura 10: A torre panorâmica do Caminho Niemeyer



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=861900>

Recentemente passou a fazer parte do Caminho o projeto de uma Igreja Adventista que, como o da Catedral, está para ter as obras iniciadas. Há, no entanto, preocupação de que as obras não virem obra de igreja, quer dizer, que demorem a acontecer, seja por conta da viabilidade das propostas, ou dos recursos para a sua implementação.

De qualquer modo, desde que o Caminho, finalmente, começou a surgir no horizonte da Baía de Guanabara, tudo começou a parecer perfeito para a realização do sonho de uma nova e atrativa Niterói.

## O GESTOR DO CAMINHO

A história teria um desfecho feliz, não fosse o fato de as obras consagradas de Niemeyer surgirem colossais na paisagem, mas absolutamente estranhas à população da cidade. Enquanto os prédios imponentes eram erguidos, muitos se perguntavam do que se tratavam aqueles “elefantes brancos” que modificavam o panorama do lugar, e que soavam sem vida, desvinculados do contexto urbano e desvalorizados por detrás de um cenário de visível decadência dos arredores. Sem dúvida, era preciso salvar o Caminho e reconduzi-lo à sua grandiosidade. Mas, quem poderia ajudar nessa empreitada?

Como acasos não costumam acontecer, eis que a trajetória do niteroiense Marcos Gomes cruza o Caminho em direção à mudança. De perfil diplomata e hábil negociador, segundo seus colaboradores, Marcos entrou em cena depois de uma alternância na administração municipal que tinha, por compromisso, dar continuidade ao Projeto Niemeyer. As obras, mesmo inacabadas, já haviam alcançado expressiva repercussão midiática e nenhuma alteração de governo poderia fazer tudo voltar atrás. O Caminho precisava seguir adiante.

Convidado pelo prefeito para assumir a Secretaria Municipal de Cultura em 2003, tornou-se conhecido pelo modelo de gestão que procurava democratizar o acesso à cultura, disponibilizando mais espetáculos em espaços públicos e de convivência em Niterói. Tudo isso tinha a ver com a proposta Niemeyer e o nome do gestor cabia como uma luva para vincular o Caminho aos planos de governo.

Logo que o empreendimento nasceu, criou-se um grupo executivo para o seu gerenciamento, que passou a se reportar àquela pasta na gestão de Marcos. Nada, entretanto, parecia resolver o problema da desintegração do Caminho com a cidade. Além de tudo, não havia previsão de recursos orçamentários destinados à iniciativa, e eram muitas as necessidades.

Desde sempre a expectativa dos envolvidos com o Caminho era de que a maior parte das inversões aplicadas no projeto fosse de iniciativa do setor privado ou provenientes da captação de outros órgãos de investimentos. Mas as obras foram construídas sem animar investidores, e o processo de consolidação era mais lento do que todos gostariam que fosse. As edificações eram de alta complexidade, tanto pela arquitetura, quanto pelas dificuldades do terreno, que pedia fundações resistentes e, portanto, de alto custo, e isso interferia no projeto que mudava conforme as circunstâncias e o surgimento de diferentes questões e interesses.

Mesmo com a inauguração da Praça JK e do Memorial Roberto Silveira, este viabilizado inicialmente pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo) com utilização da Lei Rouanet, tudo permanecia fechado ao público, ora por falta de estrutura adequada, ora por falta de conteúdo. As obras do prédio que abrigaria a Fundação Oscar Niemeyer, a cargo da Barcas S.A. e cujo conceito está descrito pelo artista na obra "O Ser e a Vida", também ficaram, por bom tempo, paralisadas, e depois mudaram de rumo.

Enquanto isso, outro projeto de Niemeyer era inaugurado em Niterói, mas sem compor oficialmente o Caminho por estar distante das demais construções. Tratava-se do terminal hidroviário de Charitas, que passou, em 2004, a ligar a zona sul da cidade ao centro do Rio de Janeiro.

Em 2005, com a aplicação do Programa Nacional de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil, de iniciativa do Ministério do Turismo, Niterói passou a ser integrada ao Roteiro Niemeyer, ao lado de Brasília e de Belo Horizonte, as três cidades que guardam o maior acervo das obras do famoso arquiteto. Recursos federais foram captados a partir dessa iniciativa e a Petrobras Distribuidora acenou com a possibilidade de concluir o Espaço BR do Cinema Brasileiro, o que ainda não havia acontecido.

De fato, foram parcerias como a do Ministério do Turismo, entre outras, que deram mais fôlego ao Caminho em alguns momentos, ajudando a inaugurar o Teatro Popular, por exemplo. Por outro lado, não bastava ter o prédio, se não havia equipamentos, infraestrutura, e o reconhecimento daquele novo espaço de entretenimento.

A questão era que aquela parte do Caminho do outro lado da cidade e do MAC, chamada por muitos de "o Caminho", imponente, ocupava um terreno de 72.000 m<sup>2</sup> à beira-mar, uma área gigante e, mesmo assim, ainda não existia para a população. Poucos turistas se aventuravam a conhecer o lugar, sem compreender direito do que se tratavam os prédios.

Fato é que, longe do que se esperava, o Caminho sozinho não deu conta de fazer surgir outra paisagem no centro de Niterói e de revitalizar uma área que parecia esquecida. Por outro lado, o empreendimento não fazia surgir o interesse esperado por parte da iniciativa privada, nem provocava outros e novos investimentos. Como o Caminho era irreversível, cresciam os problemas.

Em 2013, o jovem prefeito Rodrigo Neves assumiu a administração municipal com a intenção declarada de resgatar e reconhecer o papel original e estratégico do empreendimento na reforma urbana de Niterói, como complexo turístico e cultural de grande valor.

## PRIMEIRAS MUDANÇAS

Para encarar esse desafio, quem melhor do que Marcos Gomes? Afinal, ele havia acompanhado a trajetória do Caminho desde os tempos da Secretaria de Cultura e conhecia bem as questões do lugar.

Naquele mesmo ano, Marcos foi nomeado presidente do Grupo Executivo do Caminho Niemeyer, passando a ser o responsável direto pela gestão do espaço. Assumiu a missão e o que encontrou foi um vai e vem de projetos e obras. Ou seja, nenhum equipamento estava funcionando regularmente! As belas obras do renomado arquiteto estavam, sim, trancadas, mais escondidas do que nunca por um portão mal-ajambrado, “uma porteira de fazenda velha”, nas palavras do gestor.

Figura 4: Entrada do Caminho Niemeyer no início de 2013



Fonte: Foto foi publicada em matéria do jornal O Globo, de 14/7/2012.

O Caminho não era simples de resolver e tiraria de Marcos Gomes, a partir de então, muitas e boas noites de sono. Era preciso começar e ele resolveu que só havia um jeito: começar pelo começo – a entrada do lugar.

Pensando assim, tratou de construir o pórtico com guarita de segurança, acenando para quem quisesse ver que o lugar estava aberto à visitação pública. Claro, depois de uma limpeza geral.

Figura 5: Entrada do Caminho Niemeyer em abril de 2013



Fonte: <http://axelgrael.blogspot.com.br/2013/04/rodrigo-neves-inaugura-centro-de-apoio.html>

Buscando a simpatia de novos parceiros e a ligação, ainda que parcial, com o Terminal Rodoviário João Goulart que bem esconde as obras, cedeu parte do terreno para a circulação ordenada de alguns ônibus, e isso deu resultados. Na saída (ou entrada posterior) do Terminal existe hoje uma placa enorme onde se lê: O Caminho Niemeyer começa aqui. Para Marcos, parecia inconcebível que obras de tão estimado valor ficassem à margem da cidade, e que o local fosse conhecido como “Escondidinho Niemeyer”.

Poucos meses depois foi inaugurado o Centro de Atendimento ao Turista (CAT), com atendimento bilíngue prestado por estudantes de turismo, uma aproximação importante do grupo gestor com outro parceiro fundamental: a Niterói Empresa de Lazer e Turismo (NELTUR).

Figura 6: Centro de Atendimento ao Turista (CAT)



Fonte: <http://axelgrael.blogspot.com.br/2013/04/rodrigo-neves-inaugura-centro-de-apoio.html>

Ainda naquele ano a área externa do teatro começou a receber alguns espetáculos, e contou com a presença de Gilberto Gil (<https://www.youtube.com/watch?v=aqhlhO4PSk>), Caetano Veloso (<https://www.youtube.com/watch?v=1eGY-hTjY8Y>) e outros nomes de peso da MPB. Shows públicos, ou privados, com 10 mil, 20 mil pessoas, espetáculos que trouxeram vida ao lugar, como diz Marcos.

Outras iniciativas surgiram e o Caminho recebeu jovens da Jornada Católica e abriu as portas para a realização do Salão Estadual de Turismo, iniciativas que passaram a mostrar e a divulgar o espaço, mesmo sem que o mesmo estivesse plenamente concluído.

Marcos conta que, em 2013, cerca de 100 mil pessoas estiveram por lá, visitando as obras, assistindo a shows, participando de eventos. A meta até o final de 2016 é de que esse número seja mais do que triplicado.

Com tudo isso, o Memorial Roberto da Silveira e o Teatro Popular Oscar Niemeyer, que estavam fechados, foram reinaugurados. Agora, definitivamente, não existem apenas os prédios.

## O CAMINHO QUE FUNCIONA E O CAMINHO QUE PROMETE FUNCIONAR

O Centro de Memória da História e da Literatura Fluminense está aberto e funciona como espaço de memória da história fluminense e política do antigo Estado do Rio de Janeiro tem área para a academia e a literatura, eventos e palestras.

Sob a gerência da Fundação Municipal de Educação de Niterói, é um museu com perfil pedagógico, educativo, mas vai se tornar, além de tudo, “uma homenagem ao Dr. Oscar”, como conta Marcos. Não está pronto, por assim dizer, mas pretende-se fazer do espaço uma



grande área da criatividade, ou um Museu da Criatividade. Marcos explica que a homenagem tem a ver com o fato de que “é a possibilidade de criar, de expandir, de ser livre, que constrói o gênio” e que, nesse sentido, “o Dr. Oscar é a figura que conseguiu expressar toda a liberdade e criatividade do menino que ele foi”.

Uma ideia do arquiteto que será levada adiante é a de que ali funcione, também, a Escola da Cultura e Humanidade, ou a Casa do Conhecimento, dedicada à formação filosófica, cultural, científica, com cursos, debates, seminários, um espaço não só para os professores da rede e para a academia formal, mas aberto à cidade.

Marcos prevê que a escola esteja funcionando no próximo ano, quando terá início, também, a construção do Museu. Tudo está em curso, mas houve um incêndio na Prefeitura de Niterói no início de 2014 que obrigou o grupo executivo à solidariedade: temporariamente, o Caminho está abrigando cinco secretarias do governo local. Mais uma vez, é preciso esperar.

Figura 7: Memorial Roberto da Silveira



Fonte: [www.niemeyer.org.br/obra/pro180](http://www.niemeyer.org.br/obra/pro180)

Assim como o memorial, o Teatro Popular passou a funcionar com as condições técnicas adequadas, e conta com uma programação que está inserida no calendário oficial da cidade, com o apoio da empresa Ampla Energia e Serviços S.A. e a administração da Fundação de Arte de Niterói (FAN) (<http://www.teatropopularoscarniemeyer.art.br/>). (Veja Anexo 2: “Relatório de Cumprimento do Objeto – outubro/2013 a abril/2014”.)

Figura 8: Teatro Popular Oscar Niemeyer



Fonte: <http://www.terra.com.br/noticias/oscar-niemeyer/oscar-niemeyer-fotos-56.htm>

## O CAMINHO E SEUS NOVOS DILEMAS

Não obstante, o compromisso de Marcos Gomes com o Caminho não para de crescer. Em 2014, o grupo executivo passou a ser responsável pelo agendamento e pela curadoria dos eventos que serão realizados no local, ou melhor, na chamada Praça do Povo, a área externa que liga todos os equipamentos. Finalmente, o grupo terá orçamento e recursos próprios, e poderá administrar os ganhos advindos dessas atividades. É decreto (<http://www.ofluminense.com.br/sites/default/files/26-06%20NIT.pdf>). Antes, os gestores ficavam apenas com os ônus e cuidavam mais das obras do que da gestão do espaço propriamente dita.

Para auxiliá-lo nessas novas frentes, Marcos conta com o vice-presidente, Daniel Damasceno, o diretor executivo, Pedro Maciel, e quatro funcionários – uma estrutura bastante enxuta. Primordialmente, o papel do grupo é o de intermediar as relações entre os administradores dos equipamentos: a Fundação de Educação, a Fundação de Arte, e a Empresa de Turismo de Niterói – interesses nem sempre convergentes.

Falando sobre os problemas do Caminho, Daniel explica, por exemplo, que a Praça do Povo tem 18 mil m<sup>2</sup> e era antes mais utilizada pela FAN, que contratava diretamente os eventos e recebia por eles, sem que o grupo executivo pudesse intervir. Ele diz que houve caso de o grupo ficar sabendo de eventos no Caminho pela internet, com o contrato já negociado – um atropelo. “Como? Todo mundo vendia o Caminho como sendo dele e aproveitando as benesses pelas locações e parcerias”, diz Daniel.

Carla Tavares, diretora da FAN e também responsável pelo Teatro Popular, acha que falta comunicação, embora todos estejam “para somar”. Ela se refere à convivência do teatro com a área externa e esclarece sobre a dificuldade de saber de programações externas sem a antecedência necessária.

“Se tiver show na área externa (que normalmente acontece sexta, sábado ou domingo), eu não posso ter um espetáculo teatral ou musical no teatro. Nesse caso, é mais complicado, porque se trata de um teatro patrocinado”, diz Carla. Há um objeto contratual que, se for descumprido, trará prejuízos de todos os pontos de vista, ela explica. Isso pode ser desde uma devolução financeira, a um problema de descrédito com a gestão e com o espaço, tanto por parte do público que se programa para ir ao teatro, quanto das companhias culturais que não contratam um espetáculo, mas uma temporada inteira.

Há, de certo modo e ainda, uma questão que diz respeito à concepção do espaço. Como conciliar, por exemplo, o show de rock na praça e o encontro ecumênico na igreja? Para Daniel, é importante que as igrejas que irão compor o Caminho compreendam que o lugar é público, e que não vai haver muros (e isso já constava de um dos projetos apresentados).

Ele refere-se ao Caminho como uma grande “esplanada”. Nem mesmo a orla poderá ser ocupada, informa. Deve estar livre para a passagem e o passeio. Aliás, a retomada do mar é um projeto de Niterói, que quer abraçar o turismo náutico e pretende oferecer a pessoas, comunidade local, visitantes, turistas, a possibilidade de que circulem a pé ou de bicicleta pelas ciclovias já em vias de construção pela cidade.

“A que se presta o Caminho? – pergunta Daniel. “Vamos fazer baile funk? Não? Por que não? Sim? Por que sim? Qual é o perfil do público? Qual é a capacidade permitida? Até 20 mil pessoas?” – perguntas para as quais o grupo executivo começa a buscar respostas, porque existirão normas de funcionamento a partir de agora, “com cheque caução, garantias, como em qualquer lugar do mundo”, fala Daniel. Antes o prejuízo era grande.

Carla acha que o tempo dos grandes eventos sem propósito passou, foi pontual. Quando o espaço foi reaberto, no início de 2013, fazia sentido fazer qualquer movimento para chamar a atenção para o lugar. Mas o que ela assistiu em algumas ocasiões, não quer ver mais: “Vi latas sendo jogadas no lago que circunda os equipamentos, batom na passarela e pés nas paredes brancas, aberrações”, ela conta. E prossegue: “Seria uma falta de educação de qualquer forma, mas é além, pois não se trata de uma parede: é uma obra de arquitetura assinada! Isso é falta de tudo. O Caminho não é só um espaço – é patrimônio.”

Carla atribui esse tipo de comportamento à ausência de sentimento de pertencimento de quem visita o lugar, “turistas acidentais”, ela diz. Turistas diferentes dos internacionais, por exemplo, principalmente europeus, que valorizam as obras do Caminho. Se o turismo precisa casar com a cultura? – Carla afirma que sim. Mas diz que ainda sente falta de diálogo, em face da efervescência de ideias que emergem de sua equipe de trabalho. O que fazer, então?

Rubens Branquinho, diretor da NELTUR, acha que o uso da praça é polêmico, e que Niemeyer teria programado o espaço para shows menores. Shows grandes atrapalham, diz ele: “Os shows depreciam os monumentos e os monumentos atrapalham os shows.”

Há ainda outro problema quando os grandes shows acontecem na área externa do Teatro. A montagem de palcos toma tempo, enfeia o lugar, cria estragos no chão. Daniel questiona se não seria o caso de colocar ali um palco móvel, ou se isso iria descaracterizar o lugar. “Um palco móvel não iria agregar valor, porque evitaria furar o chão, arrebentar tudo no ‘monta e desmonta’, encher o local de tendas que escondem os monumentos?” – indaga.

Essa questão dos eventos parece séria. Daniel conta que o local foi solicitado para a realização do FIFA Fan Fest durante o evento da Copa do Mundo de 2014. Os gestores do Caminho disseram “não” ao Fan Fest, porque estava acontecendo no Memorial o Salão da Leitura (<http://www.salaodaleituradeniteroi.com.br/>), terceiro maior evento do setor no Estado (depois da Bienal Internacional do Livro e da Feira Literária Internacional de Paraty – FLIP), que resultou em 70 mil visitantes e 8 mil livros vendidos. “Mas será que deveria ter sido assim? Por que sim? Por que não? Não seria o caso de trazer alguma coisa nova para o Caminho? Pensar na Copa, nas Olimpíadas? Beneficiar o lazer, mas também o turismo?”, Daniel pergunta.

Na discussão sobre o que é o Caminho, ele entende a necessidade de que o espaço seja definido por um uso “híbrido”, capaz de servir tanto como uma bela praça de eventos, quanto como um lugar turístico monumental.

Agora caberá ao grupo executivo decidir sobre isso, embora Carla não concorde muito. Ela acha que a FAN teria mais competência para decidir sobre a questão dos eventos e que precisa, no mínimo, estar ciente desse planejamento com a antecedência necessária para tomar decisões sobre possíveis cancelamentos, já que isso pode trazer muitos impactos negativos para a gestão do teatro. Ela já propôs, inclusive, que no caso de serem realizados grandes eventos na praça, que estes aconteçam na última semana do mês e com aviso bem prévio, para dar tempo de que a pauta do teatro possa ser remanejada sem grande prejuízo.

Para Daniel, com o novo poder atribuído ao grupo, tudo poderá ser diferente. Ele informa que agora a gestão do Caminho participa do planejamento estratégico da cidade para os próximos 20 anos, e que a equipe tem seu próprio planejamento anual. Estão criando normas de funcionamento para o Caminho como um todo, mas não querem interferir na gestão dos prédios. A proposta do Grupo é gerar sustentabilidade, uma meta audaciosa para quem mal tinha dinheiro para comprar caneta e papel até há pouco tempo. Mas Daniel percebe o grande interesse de diversas empresas querendo realizar eventos no Caminho, o que pode gerar boa receita.

Carla acha que os proponentes dos eventos precisam ser qualificados, apresentando diferenciais, como tratamento do lixo, por exemplo. “Evento se faz em qualquer lugar, seja em um parque agropecuário ou em uma arena pública”, ela afirma. E continua: “Está certo que aqui é ótimo, que não atrapalha o fluxo da cidade, não dá um nó no trânsito. Mas é desnecessário que certos eventos cotidianos, como Villa Mix ou Samba Niterói, aconteçam exatamente em meio a um conjunto de obras de um dos maiores arquitetos do mundo?”

Isso tem a ver, para Daniel, com a polêmica sobre a referência conceitual do espaço. Carla acha que a gestão múltipla dificulta, em vista da dependência financeira e, às vezes, administrativa dos equipamentos, tornando complexa a integralidade conceitual do que é o Caminho. Mas há uma luz no fim do túnel: existem experiências muito parecidas que deram certo.

Carla fala do Centro Cultural Internacional Oscar Niemeyer, em Avilés, Astúrias, Espanha, inaugurado em 2011 e que funciona a pleno vapor. Como em Niterói, o Centro tinha como proposta o “efeito Niemeyer”, ou seja, pretendia provocar uma regeneração urbana, modificando a paisagem do centro da cidade. E provocou! Agora ela pensa em manter intercâmbio do teatro com o centro que, nas palavras de Niemeyer, é “uma praça aberta a todo mundo, um lugar para a educação, a cultura e a paz”. Ao que parece, qualquer semelhança com o Caminho não terá sido mera coincidência...

Figura 9: Centro Cultural Internacional Oscar Niemeyer



Fonte: <http://www.niemeyercenter.org/21/congresos.html>

Rubens Branquinho diz – e todos concordam – que os prédios têm concepção estética, de difícil operacionalização e de cara manutenção, ainda mais quando tudo depende da morosa administração pública em função de seus pesados controles. Daniel explica que a obra de Niemeyer é para o artista como uma escultura. Não se previu, por exemplo, que mesmo à beira da baía, a praça de puro cimento iria se tornar insuportável no verão do Rio de Janeiro. Por isso o grupo gestor decidiu que irá construir algumas ilhas de sombra no Caminho, mas é preciso tomar cuidado para que não haja interferência com a obra.

Também não há banheiro externo no Caminho e, para eventos maiores, há necessidade de locação de banheiros químicos. Os banheiros localizados no foyer inferior do teatro atendem apenas ao público que frequenta aquele espaço e um charmoso bistrô ali instalado que funciona regularmente. Há banheiros também no CAT da NELTUR. E só. Não parece suficiente, principalmente se a expectativa de público visitante de Marcos estiver correta.

Sobre o CAT, o menor prédio do Caminho, Rubens conta que a água lá é pressurizada, porque não pode haver caixa d'água externa. Carla complementa: não pode haver caixa d'água no Caminho! Por isso, as caixas estão em área subterrânea, como cisternas, e a água sobe para as torneiras quando a bomba é acionada. Se não tem luz, não tem água. Além de tudo, o equipamento é caro e de custosa manutenção. Para Daniel, com o novo poder atribuído ao grupo, tudo poderá ser diferente.

No teatro não é diferente e existem questões funcionais, confirma Carla. A parede é de vidro e há problema na busca de soluções acústicas que não descaracterizem o lugar. Existe todo um significado em cada detalhe da obra do artista, como o conceito de democracia participativa que se percebe no estilo do anfiteatro com palco italiano, do qual todos têm a mesma visão privilegiada, com preços iguais sendo praticados, ela explica.

Rubens lembra que, quando o Caminho foi aberto, muitos equipamentos já estavam precisando de reforma e de manutenção, e que os recursos públicos eram escassos para tanto serviço. Marcos explica que muitas coisas melhoraram e estão melhorando por lá.

Sobre a frequência ao teatro, Carla conta que, logo que o equipamento reabriu, eram dadas 20 cortesias por espetáculo e ninguém comprava ingresso. Depois, vinham 10 pessoas pagando, e 30 com cortesia. Depois, 20 pagando, e 20 cortesias. Com seis meses de funcionamento, a média hoje é de 150 pagantes, e a meta é chegar a um público pagante de 250 pessoas, com 20 a 30 cortesias por espetáculo. Hoje ela quer ver o teatro autossuficiente, no sentido de não depender de verbas públicas do município.

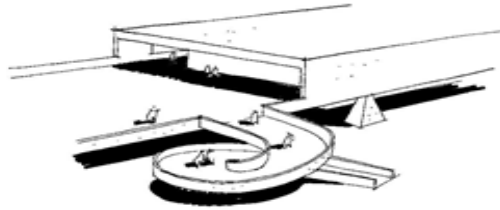
Uma estratégia interessante decorre de Carla ter descoberto que as crianças de 4 a 10 anos tinham pouca opção cultural e de lazer na cidade, a não ser cinema, praia no verão, poucos parques e shopping. Por isso começou a oferecer programações de teatro às 11h da manhã, casando a iniciativa com um "almocinho" no bistrô. Ela fala que o espaço tem tudo a ver com crianças, que podem trazer seus brinquedos, andar de bicicleta ou de patins na grande área externa.

Ela quer dar ao empreendimento, ainda, o diferencial da acessibilidade, não motora, que é mais "fácil" e já existe, de algum modo, conforme esclarece. Mas trazendo, por exemplo, peças com narração simultânea para deficientes visuais, e a aplicação de outros mecanismos para atender a deficientes auditivos. Carla agradece ao patrocinador e à lei de incentivos que têm tornado muitas coisas possíveis, e se anima com a perspectiva de que, em breve, novos patrocinadores estarão por fazer parte do sucesso do teatro, associando suas marcas à cultura da cidade.

Mas o Centro Petrobras de Cinema ainda está parado. Marcos fala da placa de inauguração que é de 2012, o que não passa de um "um delírio", pois nada funciona de fato no local. O centro está localizado em espaço nobre do Caminho, do outro lado do "Escondidinho", próximo à Universidade Federal Fluminense e ao Plaza Shopping, e será administrado também pela FAN e pela Fundação de Educação. A ideia é de se ter ali um grande museu que abrigue a memória do cinema documental brasileiro, e um espaço para a guarda de documentação digital de filmes e a realização de cursos.

No mais, o projeto contempla cinco salas de cinema e lojas, área que está sendo licitada e caberá à administração da iniciativa privada. Marcos ressalta a importância do Centro Petrobras que começa agora a sair do papel, em vista das poucas salas de cinema existentes em Niterói e da ausência de espaços com esse perfil.

Figura 9: Centro Petrobras de Cinema



Fonte: <http://www.niemeyer.org.br/obra/pro512>

Embora a cultura em Niterói seja, notadamente, algo de grande valor, os teatros também estão escassos na cidade, advindo daí a maior importância do Teatro Popular. Carla fala do mapeamento que fez e de suas descobertas. Por exemplo, de espaços musicais Niterói não tem carência, mas faltam espaços para espetáculos, principalmente depois do fechamento do Teatro da UFF, reinaugurado apenas em 2014 e agora totalmente modernizado. Dois espaços da cidade são privados e o Teatro Municipal, público, tem programações mais comerciais, isto é, sem autonomia para ousar – o que se pode fazer no Caminho.

Pena que o lugar está escondido, ela insiste. E prossegue: “O desafio é legitimar o teatro como equipamento cultural de qualidade em Niterói, em especial para o público da Zona Sul e da Região Oceânica”. Além disso, Carla diz que faltam serviços públicos como sinalização e segurança, mas que já conseguiu, através de parcerias, que uma viatura permaneça na chegada e na saída do público para os espetáculos. Para trazer mais público, pensa igualmente em venda casada com transfer, entre outras iniciativas.

Mas é mesmo no “Escondidinho” onde estão os maiores problemas. “O Caminho não faz milagre sozinho”, reforça Marcos, mesmo que este represente uma grande âncora para Niterói, o que o Rio de Janeiro está tentando fazer com o Museu de Arte (MAR) e o Museu do Amanhã. “Aqui tem a vantagem de o turista poder percorrer o Caminho em um dia, o Caminho que é único, mas que deve ser seguro, limpo, bonito e agradável. Não adianta o Caminho que a cidade não vê”, diz Marcos, sem sinalização, escondido por uma barreira de ônibus e por um centro mal-arrumado. Todo o esforço só se completaria com o projeto de reformulação do centro da cidade, mas o Caminho está quase pronto!”

Está quase pronto e tem grande importância para a cultura e o turismo de Niterói. “Essa é a possibilidade que a cidade tem de acreditar e entender que o turismo é, de verdade, a ‘indústria limpa’ que mais gera empregos atualmente, acreditar e investir nisso”. Ele pensa que o turismo já conquistou o discurso das pessoas, mas que existiria, ainda, dificuldade em relação ao entendimento de que o setor possa melhorar a vida de quem mora na cidade. Para ele, “não se constrói uma política de turismo sem que ela seja transversal ao governo inteiro, e essa conquista de corações e mentes dentro da estrutura pública brasileira ainda é um passo que está para ser dado”.

Do ponto de vista do turismo, Rubens Branquinho concorda que o Caminho tem problemas, inclusive internos, a resolver. Uma dificuldade que aponta é que um dos importantes prédios do complexo, o memorial, fica fechado nos finais de semana, quando o fluxo turístico é maior. Carla lembra que não só a pequena cúpula do memorial fica fechada nos finais de semana, mas igualmente a grande cúpula onde se instalará o Museu da Ciência e da Criatividade.

Os turistas reclamam: “Mas está tudo fechado? É um elefante branco?” Falta ainda “visão turística”, Rubens reforça. O teatro, mesmo funcionando e gerando um movimento maior no espaço, também não está aberto à visita, em função do necessário cuidado com os equipamentos do lugar. Os visitantes e os turistas não se conformam. Por sua vez, o público que frequenta os espetáculos do teatro é, em sua maioria, local. Raramente o turista vem a Niterói para assistir a alguma peça, a não ser quando está há mais tempo na cidade e aproveita a oportunidade, fala Rubens. Carla sinaliza, contudo, que o teatro já está recebendo clientes vindos do Rio de Janeiro e de outros municípios vizinhos, como São Gonçalo e Itaboraí, o que é uma conquista.

Conforme os levantamentos da NELTUR, antes o visitante vinha a Niterói basicamente para conhecer o MAC, que era vendido pelo Rio como ícone da Baía de Guanabara. Ele atravessava a baía de barca, ia até o MAC, e voltava. A maioria sequer almoçava na cidade. Segundo Rubens, de gasto turístico, deixava R\$ 4,00 de entrada no museu e consumia, no máximo, uma água de coco.

Agora existe posto de informação turística em frente à Estação das Barcas e a estratégia é atrair o turista para o outro lado do Caminho para conhecer as outras obras de Niemeyer. Depois ele pode seguir de ônibus até o MAC, onde está localizado outro CAT que orienta as pessoas a almoçar nos restaurantes da cidade, a visitar o Parque da Cidade, as fortalezas... No Caminho, tem as visitas guiadas, de graça, a qualquer tempo que o turista chegue. É feita pelos estudantes estagiários do CAT e dura cerca de 20 minutos. Com isso, o visitante fica, pelo menos, um dia em Niterói.

Carla sonha com visitas guiadas no Caminho, feitas por um ator que incorpore o próprio Niemeyer, e que conte para as pessoas sobre a concepção do espaço, que explique o painel do Teatro e o porquê de as cores da bandeira comporem a boca de cena, que a rampa é extensa não porque o artista gostava de curvas, mas por ele propor um passeio capaz de desvincular o público do cotidiano, não como alienação, mas como um convite à inserção em uma nova linguagem cultural. “Pouca gente sabe disso”, afirma Carla, com razão.

Rubens pensa no fenômeno da Copa 2014 e no legado que o evento deixou para o setor turístico, com o olhar firme nas Olimpíadas. Uma coisa é certa, estão todos de olhos vivos nas oportunidades que virão. Mas há obras por terminar, projetos a colocar em curso, e enquanto o carro anda em alta velocidade, mudanças e melhorias precisam ser implantadas. Afinal, uma cidade inteira espera pelo gigante adormecido que começa a despertar e que o mundo há de querer conhecer. Até lá, e depois disso, não se sabe que rumo o Caminho seguirá...